

MESQUITA, António Pedro. “Homem, Sociedade e Comunidade Política – o pensamento filosófico de Matias Aires (1705-1763)”. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

Mannuella Luz de Oliveira Valinhas*

Antonio Pedro Mesquita,¹ no prefácio ao seu livro “Homem, Sociedade e Comunidade Política – o pensamento filosófico de Matias Aires (1705-1763)” afirma que seu objetivo com essa obra foi “concorrer com um novo e mais aprofundado enfoque para a valorização do pensamento filosófico de Matias Aires, restituindo-o do mesmo passo ao reconhecimento e ao exame que ele intrinsecamente merece”,² O autor procura, então, elaborar uma análise ampla do pensamento de Matias Aires, principalmente a partir da sua obra mais importante, as “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens” (1752). Essa obra de Matias Aires demandava há tempos um estudo mais exaustivo sobre o seu conteúdo geral, ou seja, uma análise que tentasse compreender a lógica do texto como um todo, (as interpretações anteriores se referiam aos vários aspectos específicos dentro da obra, mas não se dedicavam a uma análise mais “integral” do conteúdo da mesma). Nesse sentido, o livro é pioneiro, pois tenta estabelecer os principais conceitos utilizados pelo autor e a maneira como são utilizados, bem como os significados e os usos específicos do arcabouço teórico matiano.³

O livro está dividido em sete capítulos e um epílogo. A análise do pensamento de Matias Aires começa com uma breve exposição da sua biografia: nascido em São Paulo, em 1705 muda-se, ainda criança, para Portugal, onde cursa Direito; posteriormente, vive

* Mestre em História pela FAFICH/UFMG; professora da UEMG.

¹ António Pedro Mesquita é professor do departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² MESQUITA, António Pedro. “Homem, Sociedade e Comunidade Política – o pensamento filosófico de Matias Aires (1705-1763)”. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. Página 08.

³ “Matiano” é a forma como A. P. Mesquita se refere ao pensamento de Matias Aires. Será utilizado aqui com este mesmo sentido.

durante algum tempo em Paris e estuda também ciências positivas e naturais. Retorna a Portugal, assume o posto de Provedor da Casa da Moeda, posto que fora de seu pai, e de qual é afastado por motivos obscuros. Vive, então, praticamente recluso até sua morte, em 1763.

No segundo capítulo, Mesquita faz um levantamento das análises precedentes em relação à obra de Matias Aires, e relaciona três maneiras distintas de possíveis leituras: uma maneira biográfica, uma maneira ideológica, e uma maneira filosófica. A maneira biográfica deriva o pensamento da biografia do autor. Tal procedimento, segundo Mesquita, resultaria incompleto sempre, uma vez que, o que se apreende de uma análise que prime por confrontar a vida e a obra de Matias Aires iria verificar que há, entre ambas, uma profunda contradição. Assim, a leitura biográfica não conseguiria explicar o fosso existente entre aquilo que Matias Aires escreve e as escolhas que Matias Aires faz em sua vida particular. Outra maneira de ler as “Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens” seria de acordo com o que Antônio Pedro Mesquita chama uma “leitura ideológica” do texto: tal leitura iria apontar Matias Aires como “o arauto da burguesia ascendente”.⁴ Esse modo de abordagem não é considerado o mais adequado em relação à produção matiana por derivar somente do momento histórico os conteúdos da obra. Por fim, é possível ler Matias Aires a partir da perspectiva de uma leitura filosófica: Matias Aires constrói uma teoria do que é o humano, elabora uma reflexão acerca daquilo que constitui o princípio fundamental da natureza humana. Nesse sentido, apenas uma leitura filosófica seria capaz de compreender os argumentos filosóficos expostos na obra, bem como os objetivos do autor ao elaborar sua teoria.

No terceiro capítulo, “Uma Caracterização Pessimista do Homem”, Mesquita apresenta as características da maneira como Matias Aires vê o homem. A mais importante das características humanas, na interpretação de Mesquita, é consciência da precariedade da vida humana e da fugacidade do tempo. O *eterno movimento* da “fábrica do universo” acaba por apagar os traços de pessoas e sociedades do passado. A possibilidade do desaparecimento da memória dos feitos humanos, sejam eles sociais ou individuais faz com que o tempo em que se vive seja “pura agonia”⁵ Daí o argumento, exposto no capítulo seguinte, de que a vaidade se torna a principal paixão humana, para Matias

⁴ MESQUITA, A. P. *Op. Cit.* Página 25.

⁵ Idem, página 35.

Aires, devido à fugacidade do mundo material. A idéia matiana é que estamos sempre acabando, e que o tempo, sempre em movimento, é responsável pelo cultivo demasiado da vaidade. Uma vez que não há estabilidade no mundo, o que pode mover o homem é a vaidade. Sobretudo a vaidade de reconhecimento por parte dos outros homens e da sociedade de um modo geral, vaidade essa que culmina no desejo inalcançável de perpetuar a vida através da memória. Esse argumento das “Reflexões...” é que permite a Mesquita dizer que, para Matias Aires, a vaidade seria o principal motor das ações humanas em sociedade. De acordo com o pensamento de Matias Aires, o movimento é gerador e propulsor da vida, esse movimento se dá através de relações de ação e reação. A vaidade se equilibra através do sentimento do amor. O movimento incessante entre vaidade e amor é capaz de gerar algum equilíbrio, (mesmo que por vezes instável) que garante a manutenção da sociedade. Ao analisar essa relação, Mesquita, afirma que Matias Aires não coloca a vaidade como a principal paixão humana. Para ele, o homem matiano é, essencialmente, amor. Assim, a natureza humana seria o amor. A vaidade seria uma perversão originária dessa própria natureza.⁶ A relação entre a vaidade e a natureza humana é uma das questões fundamentais do livro, e será trabalhada de maneira exaustiva no quinto capítulo.

A questão que se coloca, então, é a da tendência natural do homem ser para o bem ou para o mal. Mesquita duvida que Matias Aires acredite que a natureza humana naturalmente má, o fato de ele afirmar isso estaria ligado a uma estratégia discursiva que valorizaria o caráter irônico das afirmações. Para Mesquita, “a vaidade introduz a virtude no mundo através da conversão em socialmente útil o que seria naturalmente mau”⁷ Desse modo, os qualificativos de “bom” ou “mau” são relativos conforme se observe de uma perspectiva individual ou social – a perspectiva social garante o qualificativo positivo, e a individual o negativo. A vaidade seria capaz de gerar virtudes sociais, ou seja, o próprio vício da vaidade é uma virtude social, uma vez que vaidade seria a responsável pela geração de uma *segunda natureza humana*: a natureza social.⁸ Ao lado da natureza “natural” do homem, a vaidade introduz a natureza social, cabendo a ela, a própria tarefa de humanização do homem de acordo com a sua natureza (sua

⁶ MESQUITA, A. P. *Op. Cit.* Página 89

⁷ Idem, página 79

⁸ Interessante pensar que não é a Razão colocada como guia final, ou organizadora da sociedade, ela, como uma função do intelecto, é menos forte do que uma paixão do espírito, como a Vaidade. E nesse caso, mais que uma paixão, uma componente da própria natureza humana.

natureza social). Assim, a vaidade se torna, de acordo com a análise de Mesquita, responsável não apenas pela “coesão social”, mas pela própria humanização individual. A vaidade, então, não é uma parte da natureza humana, ela provém do mesmo princípio que constitui a natureza humana. Aqui, Mesquita afirma que a vaidade é, então, um tipo de amor: o amor-próprio.⁹ A vaidade gera vício quando ela deixa de ser amor-próprio: quando há uma hipertrofia do sujeito, do indivíduo. Quando isso acontece, o movimento de equilíbrio entre amor e vaidade é rompido, e a vaidade ganha um contorno maior, colocando em risco a sociedade.

A partir do sexto capítulo, e retomando a análise elaborada por Matias Aires, Mesquita volta sua análise para a seguinte questão: o que fazer com o diagnóstico da natureza humana, e das paixões que governam o homem e a sociedade? A idéia é que, a partir desse conhecimento, possa dar início a uma *reforma da sociedade*. Assim, para Mesquita, o objetivo final de Matias Aires não é apenas diagnosticar a natureza humana ou fazer uma gênese da sociedade, mas elaborar uma proposta de melhora a partir do quando traçado. Tal melhora se daria, essencialmente, através de uma reforma da sociedade e não do homem individualmente. A reforma da sociedade não teria por objetivo uma reforma individual porque o homem é irreformável, dada a sua própria natureza; o que se pretende, pois, é coibir o pleno domínio da natureza sobre a sociedade. Assim, a solução apresentada por Matias Aires, na visão de A. P. Mesquita, não se soma ao unísono iluminista do período que desejava uma melhora do homem, que poderia se dar de duas formas básicas: um retorno ao Estado de Natureza ou uma reforma social que começasse nos homens individualmente, através de um maior e mais correto uso da razão. Matias Aires não separa o homem da sociedade, uma vez que o próprio homem teria uma *natureza* social, e mais, a razão não é reformadora. A razão se submete à vaidade: a quase totalidade do uso das faculdades racionais é ancorada na vaidade, na tentativa de se mostrar melhor que o outro, e não na descoberta da verdade sobre o mundo. Por outro lado, um regresso a uma sociedade sem vaidade é impossível, uma vez que a própria vaidade é responsável pelo nascimento da sociedade, pelas relações entre os indivíduos e entre esses e a sociedade.

⁹ Os sentidos conferidos ao conceito de amor-próprio no século XVIII não são unanimidade entre os pesquisadores, muito menos a redução da idéia de vaidade ao amor-próprio. No texto de Mesquita, tendo a achar que tal relação poderia ser mais sutil.

Em seguida a essas considerações, Mesquita traça, então, o que ele considera a proposta de reforma elaborada por Matias Aires: uma vez que há uma lacuna entre a maneira como o mundo se governa e como nós nos devemos governar, essa lacuna deve ser preenchida com o uso da política. A questão passa a ser, então, como nos devemos “governar politicamente.”¹⁰ De acordo com Mesquita, Matias Aires postula a igualdade humana como um dos seus princípios fundadores: “o princípio da igualdade se revela como fundamento último da concepção política de Matias Aires, porque a própria condição, politicamente incondicionada, da autonomia do homem na ordem histórica.”¹¹ Nesse sentido, para Mesquita, Matias Aires não seria um iluminista, um adepto do despotismo esclarecido, nem um obscurantista barroco.¹² Ele seria, então – e essa é conclusão mais ousada a que chega A. P. Mesquita – um autêntico ideólogo do *liberalismo* nascente.¹³ Mas isso ainda não basta para dar conta da complexidade do pensamento de Matias Aires; é preciso, ainda levar em consideração que Matias Aires é “um pensador político e um pensador da política como ordem especificamente humana.”¹⁴ A partir disso, o traço mais marcante da filosofia matiana é, para Mesquita, sua *antropologia política*: o homem não é passível de melhora individual, sua própria natureza é perversa, (mas ao mesmo tempo, essa mesma natureza é, ainda, social); entretanto, uma reforma da sociedade pode refrear a tendência ao totalitarismo individual através do estabelecimento e manutenção de uma *comunidade política*. Nesse sentido, o homem se realiza plenamente pela da comunidade, através da política.

“A comunidade é, com efeito, o plano em que a perversidade do homem se recalca; e é simultaneamente o lugar em que sua precariedade se sublima. Não pela reinvenção totalitária do organismo sobreposto ao indivíduo, mas, rigorosamente ao contrário, pela preservação do indivíduo nos seus direitos legítimos, contra as tendências de cada um para os alargar ilicitamente até à legítima esfera do outro.”¹⁵

A contribuição de Antônio Pedro Mesquita, ao dedicar um estudo em profundidade ao pensamento de Matias Aires é muito grande, uma vez que a bibliografia referente à obra

¹⁰ MESQUITA, A. P. *Op. Cit.* Página 133.

¹¹ Idem, página 135.

¹² A grande parte da leitura que é feita da obra de Matias Aires tem por objetivo discernir suas características “modernas” (iluministas) e “retrógradas” (barrocas). Ver sobre isso, AMOROSO LIMA, Alceu. “Introdução”. In: *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens ou discursos Morais Sobre a Vaidade dos Homens*. São Paulo, Livraria Martins, 1942.

¹³ MESQUITA, A. P. *Op. Cit.* Página 152.

¹⁴ Idem, página 167.

¹⁵ Idem, página 171.

“Reflexões sobre a Vaidade dos Homens” é inversamente proporcional à sua importância tanto histórica quanto filosófica e literária. Sua abordagem não se preocupa em repor as categorias históricas presentes no texto, nem pretende derivar da sociedade, de uma “contextualização”, os significados dos conceitos empregados e elaborados por Matias Aires, o que é muito interessante para compreender a unidade de significação do texto. Contudo, acho que Mesquita ainda está preocupado em encontrar valores supostamente “modernos” em Matias Aires; ele o faz ao colocar a importância do texto na sua “originalidade”, ou na sua “capacidade modernizadora”; encontra em Matias Aires valores plenamente “democráticos”. Esses conceitos podem não ser adequados como arcabouço teórico para compreender este autor, uma vez que eles não eram referenciais para a produção matiana. Nesse sentido, a obra é valorizada pelo que consegue ter de “à frente” do seu tempo, e não pelas articulações montadas dentro do próprio texto para produzir significado e se fazer compreendido. Afora essas considerações, o trabalho é o primeiro a se dedicar tão exaustivamente a decifrar um texto tão pouco abordado pela academia.